

Mobilidade e ubiquidade: novas possibilidades no desenvolvimento do processo jornalístico

Mobility and ubiquity: new possibilities in the development of the journalistic process

Sandra HENRIQUES¹

Resumo

O uso de dispositivos móveis e a amplitude das possibilidades de mobilidade vêm gerando novas perspectivas perante o processo informacional e comunicacional. Isto passa a ser observado no momento em que os indivíduos estão conectados o tempo todo e têm a possibilidade de produzir e compartilhar informações de forma imediata por meio de uma comunicação ubíqua. Este processo é um dos ícones da sociedade atual no que se refere aos processos comunicacionais, ampliando a circulação de informação através dos dispositivos móveis, além de mudar a relação entre as pessoas e os espaços, o que tende a alterar o desenvolvimento do processo jornalístico. A partir da perspectiva do movimento das pessoas, pode-se compreender a ruptura nos moldes do jornalismo tradicional com a possibilidade do conteúdo ser desenhado exclusivamente para uso em plena mobilidade.

Palavras-chave

Jornalismo; Mobilidade; Ubiquidade; Métodos móveis; Comunicação.

Abstract

The use of mobile devices and the range of mobility possibilities are generating new perspectives to the informational and communicational process. It shall be observed when individuals are connected all the time and are able to produce and share information immediately through a ubiquitous communication. This process is one of the icons of our society in relation to communication processes, increasing the flow of information through mobile devices, and change the relationship between people and spaces, which tends to alter the development of the journalistic process. From the perspective of the movement of people, one can understand the break in the traditional journalism molds with the possibility that the content is exclusively designed for use in full mobility.

Keywords

Journalism; Mobility; Ubiquity; Mobile methods; Communication.

RECEBIDO EM 05 DE AGOSTO DE 2016
ACEITO EM 30 DE AGOSTO DE 2016

¹ Jornalista. Doutora e mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Integra o projeto de pesquisa Ubiquidade Tecnológica da Sociedade em Rede. É uma das organizadoras do livro II Encontro de Ubiquidade Tecnológica: uma perspectiva transdisciplinar, publicado pela Editora Universitária da PUCRS. Contato: henrisandra@gmail.com

Introdução

As potencialidades do jornalismo em meio aos dispositivos móveis e sua utilização diante da produção de notícias é ponto debatido quando se aponta a mobilidade como um dos fatores que impulsiona novos processos jornalísticos que partem não apenas do fazer profissional, mas também, do exercício de produção e compartilhamento de informações por parte da sociedade em geral. Com o desenvolvimento de tecnologias digitais e sua inserção no cotidiano, esta realidade passou a fazer parte do dia a dia das empresas de comunicação, que buscam cada vez mais compreender como trazer a voz da comunidade para dentro dos conglomerados de mídia.

No século XXI a rápida expansão dos dispositivos móveis, impulsionou uma reconfiguração no cotidiano do fazer jornalístico, desde suas ferramentas de produção às narrativas que ainda se alteram com esta nova percepção do impacto das informações propagadas. Isto se dá diante da possibilidade dos cidadãos fazerem parte como construtores deste processo de forma mais ativa tendo disponíveis canais, como *Facebook, Twitter, Instagram*, além de outros sites voltados à disponibilização de conteúdo, onde é possível a produção de compartilhamento de conteúdo por qualquer pessoa. Este processo dito como jornalismo cidadão traz repercussões na propagação de informações e seus reflexos no engajamento do público.

Pontos importantes são os diferentes métodos para a compreensão deste processo, que em sua maioria referem-se à busca de estudos de caso da prática profissional e o impacto sofrido pelas possibilidades de ampliação da produção e compartilhamento das informações por meio dos dispositivos móveis junto ao processo de convergência dos meios. Todavia, percebe-se que ainda existem lacunas nas formas de compreender este fenômeno por parte não apenas de profissionais, mas também de estudiosos que tentam aclarar as potencialidades do jornalismo móvel na sociedade atual. Diante deste contexto, propõe-se a observação do contexto da mobilidade e ubiquidade pelo viés da informação, com o objetivo de refletir acerca da prática jornalística desenvolvida em meio a cultura da mobilidade. Assim, enfatizam-se alguns métodos móveis de pesquisa e coleta de dados que podem auxiliar tanto na prática diária do jornalismo, quanto no desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao jornalismo móvel, ressaltando a importância da sociedade

neste novo e presente processo jornalístico que se reforma diante das mutações tecnológicas atuais.

Informação e mobilidade: as conexões geram movimento

A possibilidade de compartilhamento de informações por meio de dispositivos móveis – *smartphones, tablets*, internet sem fio -, e a disseminação deste conteúdo em plataformas digitais – em destaque os aplicativos de redes sociais - modificaram o cenário dos processos comunicativos. Ampliaram-se as conexões entre as redes e o movimento da informação gerado por elas, surgindo, desta forma, a necessidade de compreender de que forma um conteúdo se propaga, e como ele é compartilhado. Para cada “nó” criado a partir da propagação de conteúdo em uma rede, pressupõe-se que uma interação e, então uma informação, foi difundida e deva ser mapeada.

Essa propagabilidade gera um movimento (JENKINS, GREEN e FORD 2014), ampliando a fase de participação dos indivíduos na distribuição e produção de informação, tendo como consequência um modelo híbrido de circulação da informação que leva a um processo social mais participativo de cultura.

É o fluxo de ideias que promove conexões sociais e o engajamento na propagação da informação, principalmente se os formatos forem de fácil compartilhamento. As tecnologias de comunicação sempre impressionaram pela velocidade na qual levavam informações às pessoas. Gabriel Tarde (2005) acreditava que não se poderia imaginar as transformações que os jornais causaram em relação ao espaço - tempo e na amplitude da conversação das pessoas. Assim como as conexões hoje em dia ampliam o compartilhamento, o fluxo destas informações pode ser mensurado. Isto é algo que as grandes empresas de mídia passaram a observar com o crescimento expressivo deste processo. Há uma nova compreensão de como a informação deve ser tratada pelos profissionais e pelas empresas diante desta cultura participativa crescente. Papel este que nem sempre fica muito claro aos profissionais, muitas vezes, acostumados às rotinas midiáticas desenvolvidas ao longo dos anos e que, de certa forma, eram dadas como certas e fundamentais para o exercício profissional.

O que de fato se percebe atualmente, é que com o espaço híbrido - que possibilita a amplitude do virtual, em constante mutação, junto à

mobilidade do espaço urbano - abre-se um leque de possibilidades de tratamento da informação, que já não é mais apreendida e divulgada por um ou outro conglomerado midiático. O que ocorre é que antes mesmo de chegar às redações jornalísticas, por exemplo, o contexto sobre um fato já está foi fragmentado e propagado por diversas pessoas e suas conexões geradas em redes sociais na internet. Diante disso, é necessário repensar a estrutura midiática como um todo, pois "as regras estão sendo reescritas e os relacionamentos entre produtores e seus públicos estão em fluxo" (JENKINS, GREEN E FORD, 2014 p. 63).

Com o movimento acelerado das conexões existem impactos nas formas como se observa os fluxos comunicacionais e informacionais. São atos de circulação que alteram os papéis diante deste ambiente em pleno fluxo. Em grande parte, o conteúdo não está mais fixo, enraizado em um local estático e tende a se movimentar mais para ampliar o interesse das pessoas e potencializar sua propagação. Há uma exigência por parte dos indivíduos de que os processos comunicacionais sejam cada vez mais difundidos. O ser humano sempre lutou pela liberdade de expressão, pela possibilidade de manifestar opiniões e tê-las ouvidas pelos demais. Essa possibilidade de um canal móvel e extremamente propagável possibilita, de certa forma, que esse anseio seja um pouco superado.

Jenkins, Green e Ford (2014) apontam algo fundamental nesse processo de empoderamento. Os indivíduos necessitam fazer parte de algo que lhes dê algum retorno, lhes atribua algum valor. Este nem sempre se relaciona a algo econômico, mas sim de alguns sistemas alternativos de valor que motivam as pessoas a engajarem-se em alguma coisa. É uma forma de busca de capital social. Este capital, em se tratando de motivação para a interação é maior do que outros capitais, como o econômico, por exemplo. Trata-se dos recursos que cada indivíduo possui e que se fazem presente na sua relação com os demais. Este capital é de suma importância, pois está associado ao pertencimento a uma coletividade.

Castells (1999) já apontava que para a sociedade em rede, em meados da década de 1990, a informação seria um de nossos principais instrumentos de trocas – a moeda futura - talvez o principal recurso de capital social. Se com a web 2.0 o crescimento constante de redes de participação dos indivíduos já era motivo de engajamento almejando reputação social, com as possibilidades ampliadas da mobilidade da informação arraigada aos dispositivos e às redes sociais na internet, o desejo de construção de uma identidade que mostre ao outro, recursos de

capital social satisfatórios para os desejos da sociedade atual se tornou cada vez mais estimulante.

Estes contextos estão interligados, conectados a um processo que recupera do indivíduo um desejo amplo de troca e a necessidade de mobilidade. Quando se aponta a potencialidade que a informação possui circulando fluidamente neste território informacional em movimento, trata-se de algo que vem permeando o contexto das redes sociais na internet e dos sites de redes sociais de forma constante e ampliada por dispositivos móveis. A mobilidade da informação é algo inerente ao processo de formação de novas formas de agrupamentos e conexões realizadas pelos indivíduos. É um novo modelo participativo de cultura que vive a sociedade atualmente, como ressaltam Jenkins, Green e Ford (2014).

Nesse caso, a mobilidade da informação depende mais da distribuição e propagabilidade por parte das pessoas em rede do que das grandes empresas de mídia. O movimento por meio das redes onde circula a informação é permeado de processos construtivos crescentes gerados pelo empoderamento do público. Como Jenkins já apontava em sua obra *Cultura da Convergência* (2008), as narrativas transmidiáticas que se sucederam junto ao processo de convergência dos meios trouxeram uma nova forma das pessoas observarem e lidarem com as mídias, tornando os conteúdos transmidiáticos, pois, percebeu-se que produzir conteúdo é tão importante quanto consumi-lo.

Assim, o processo de desenvolvimento de tecnologias que amplie a mobilidade dos indivíduos e, como consequência, potencialize o movimento da informação, tende a confirmar os estudos que apontam que estas novas tecnologias proporcionariam uma comunicação horizontal, do tipo muitos-para-muitos permitindo aos indivíduos ampliarem a possibilidade de interação e comunicação entre si. Esse processo tão rápido e ao mesmo tempo tão recente já demonstrou que a formação de redes potencializadas por estas tecnologias dão certa autonomia aos indivíduos gerando mobilizações e agrupamentos nos espaços urbanos. Podemos dizer que novas formas de relações sociais são construídas das possibilitadas que os indivíduos possuem atualmente. Esta é uma nova experiência comunicacional que aponta para novos contextos na prática jornalística, que tendem a se basear cada vez mais na comunicação ubíqua desenvolvida em um território informacional móvel.

As experiências de viagens também estão se tornando cada vez mais diferenciadas. Quando se está em uma cidade e se busca por seus

pontos turísticos, logo se recebe informações de pessoas que atribuíram algum significado, alguma informação aos locais. No entanto, o que se percebe atualmente é uma fase ainda mais personalizada. A partir dos desejos, das coisas que cada um busca em sites, em informações sobre compras e o que é divulgado em sites de redes sociais na internet, é criado um mapa próprio para cada um que busque informações locais. O movimento dos indivíduos passa a ser mapeado e orientado.

O fluxo informacional se caracteriza neste território por esta imbricação dos espaços. Assim, novas relações sociais com os espaços são criadas. Mover-se com dispositivos móveis nos espaços urbanos produz novas territorializações, principalmente informacionais devido à amplitude das conexões.

Estas conexões ampliadas somente são possíveis com o desenvolvimento dos espaços híbridos vividos atualmente. Da sociedade em rede de Castells (1999) busca-se refletir que todo este processo se insere nas mudanças sociais na qual o desenvolvimento tecnológico incorpora a capacidade de transformação da sociedade e os usos que esta faz da tecnologia. É um processo que se desenvolve de forma paralela.

Os territórios informacionais estão associados às experiências cotidianas das pessoas, a argumentação aqui se dá a partir do pressuposto de que a mobilidade tecnológica é fator fundamental na formação destes territórios por meio dos dispositivos móveis. Este território é móvel, mas constantemente territorializado por diversos indivíduos ao mesmo tempo. Lévy (2007) já citava que a própria informação nunca pertencerá a alguém unicamente, pois ela é móvel. Esta informação permeia um espaço, territorializado pela informação, mas um espaço que precisa de contexto para que este processo se efetive.

Ubiquidade e as novas possibilidades no jornalismo

Com a crise da hegemonia dos meios de comunicação de massa desencadeada pela cultura planetária via redes de teleinformática, uma nova forma de pensar a cultura das mídias foi percebida, uma lógica cultural na qual os indivíduos podem escolher – e produzir – conteúdos midiáticos através dos processos de comunicação mediados pelas tecnologias móveis.

Esta nova lógica cultural se constitui perante os processos de desenvolvimento tecnológico, através dos equipamentos e das linguagens, possibilitando a escolha dos conteúdos e a personalização das mensagens, opondo-se à lógica de recepção gerada pelos meios massivos.

Os distintos tipos de mídia, juntamente com as eras culturais que as conformam, traduzem novas formas de socialização, inseridas em um processo de hibridização que caracteriza a cultura contemporânea. “A cultura contemporânea é global, mundializada e glocal. Ela é uma cultura híbrida, cíbrida. É também conectada, ubíqua, nômade. Além disso, é líquida, fluida, volátil e, por fim, mutante.” (SANTAELLA, 2007, p. 131)

Como cíbrido, Santaella (2007) refere-se à conjunção de ciber e híbrido. É a capacidade que as novas tecnologias possibilitam de habitar dois mundos simultaneamente. Esta conjunção nasce da interconexão entre espaço físico e redes de informação, potencializados principalmente através do surgimento das tecnologias móveis, que por serem portáteis, tornam os textos, imagens e sons ubíquos, transformando a apropriação dos meios de comunicação.

É o processo de convergência das mídias, que envolve transformações na forma de produzir e consumir os meios de comunicação. No contexto atual, a informação é filtrada, administrada e manipulada pelos indivíduos, para que se torne conhecimento. Para Jenkins (2008) a convergência está amparada no tripé que reúne o conteúdo dos suportes midiáticos, seus múltiplos mercados e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que buscam suas próprias experiências midiáticas. “No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia” (JENKINS, 2008, p. 27). E, desta forma, a circulação dos conteúdos depende da participação ativa do público, neste caso, colaboradores. A convergência compreende um processo tecnológico, no qual os aparelhos devem unir múltiplas funções. No entanto, afirma Jenkins (2008, p. 28) “a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com outros.”

As novas tecnologias midiáticas permitiram que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumisse formas distintas no ponto de recepção. Com o surgimento dos *smartphones*, ocorreu uma mudança na forma como os habitantes das cidades se comportam em ambientes públicos e privados (SANTAELLA, 2007, p. 133). A cultura das ruas passa a ser cibercultura também, uma cooperação entre o espaço físico e o virtual. Ela solta as amarras e desenvolve-se de forma onipresente, na

qual, a rede é que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada (LEMOS, 2004, p.2).

A utilização de tecnologias móveis evidencia os espaços híbridos, onde há a coexistência dos espaços físicos e virtuais. “O “espaço entre” dois lugares geográficos deixa de ser ignorado para ser ocupado – não importa mais onde se esteja. A própria geografia da rede passa a não ser fixa. O fato de os “nós” estarem sempre em movimento e não mais estáticos faz com que o mapa da rede seja sempre mutante. Os dados não só trafegam pela rede como os próprios nós também se alteram até em função dos tipos de informação.

As tecnologias tornaram móvel a relação dos indivíduos com a informação, possibilitando a ampliação da sociedade em rede na qual Castells (1999) apontava. Para ele, um novo paradigma tecnológico se acentuava na década de 1990, o qual os indivíduos não tiveram muito tempo para se adaptar. O que se trata aqui é que atualmente vive-se um novo paradigma, provavelmente ainda em fase de adaptação, que é o Paradigma das mobilidades (URRY, 2007). O que este paradigma aponta como novidade são os estudos relacionados à forma de mobilidade proporcionada pelos dispositivos móveis e seus impactos na informação e comunicação, o que gera reflexos nas relações sociais. A mobilidade tecnológica amplia o movimento e a conexão transformando as relações entre espaço e tempo promovendo um ambiente diferenciado e, portanto, alterando as noções de presença e virtualidade referentes a “estar em um lugar”. Isso é importante para o entendimento da ubiquidade e da onipresença das conexões entre objetos, indivíduos e ideias, que apenas se configura em um ambiente móvel, híbrido, no qual os “nós” se formam e transformam conforme a fluidez da rede.

O espaço torna-se um espaço social híbrido e altera as percepções das relações entre os indivíduos e a cibercultura, ampliando as possibilidades de estudo desta cultura relacionada ao Paradigma das mobilidades que traz uma observação em relação à cultura do homem em movimento com o seu dispositivo tecnológico como forma de ampliar e mapear as relações com os demais e com o espaço. Canevacci (2012) aponta que a associação entre as tecnologias e os espaços acelera, além de possibilitar fluidez e horizontalidade, as relações entre espaço-tempo. Isto potencializa o processo de ubiquidade tecnológica vivido pelos indivíduos em uma cultura da mobilidade. A ubiquidade dos dispositivos promove uma “libertação descentrada de espaços e tempos” (CANEVACCI, 2012, p. 254).

No que se refere às tecnologias, a relação da mobilidade com a ubiquidade torna possível a capacidade de estar em diversos lugares ao mesmo tempo, no sentido de as pessoas e/ou objetos estarem concomitantes em espaços conectados. É uma relação com a qualidade, o *affordance* de um espaço híbrido onde perpassam as comunicações atualmente. Esta ubiquidade tecnológica está interligada à mobilidade, pois é ela que possibilita o deslocamento e as amplas conexões entre os indivíduos e os territórios informacionais, nos quais as cidades e seus movimentos fazem parte.

Vive-se, portanto, novos espaços de conexão nos quais a informação está associada e cada vez mais fomentada pelas pessoas que circulam por estes espaços. Lemos pontua “o território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico” (2007, p. 221). Pode-se dizer que os dispositivos móveis se tornaram mais conscientes de localização e com eles os indivíduos passaram a deixar marcas nos espaços ao se movimentar e agregar informações a eles. Neste processo, o que se percebe é a facilidade de mapeamento dos rastros deixados nos espaços sociais, quando a informação é agregada aos locais e objetos e deixa impressões marcantes do ponto de vista da ubiquidade em relação aos conteúdos. As tecnologias digitais desenvolveram-se e passam muitas vezes despercebidas no contexto da comunicação. Este é um dos pressupostos para que a comunicação se tornasse ubíqua, mostrando que as tecnologias se entretecem na vida cotidiana tornando-se imperceptíveis (WEISER, 1991).

Este é um ponto fundamental para a compreensão de como os dispositivos móveis atualmente são ferramentas de uso tanto para os processos de produção jornalística, quanto para o processo de construção de conteúdo por parte dos indivíduos. Bons exemplos deste fenômeno surgem das potencialidades dos dispositivos, que possuem ferramentas de registro como câmera fotográfica e de vídeo, gravadores de áudio, aplicativos de texto, além de possibilidade conexão 4G e wi-fi, que facilitam tanto o trabalho de profissionais de jornalismo, quanto da população em geral. Este contexto demonstra que a produção de conteúdo informativo sofre uma ruptura em relação à exclusividade das empresas de comunicação. Percebe-se que em muitos casos há uma produção hiperlocal, que advém do indivíduo que se utiliza deste ambiente convergente para a construção de narrativas a partir do local do

acontecimento. O papel fundamental do jornalista no contexto da comunicação ubíqua está relacionado ao jornalismo participativo móvel, que alia o conhecimento do processo profissional de produção, apuração e distribuição ao conteúdo produzido pelo público como fonte para a informação, na filtragem dos rastros deixados neste amplo espaço de conexão.

Isto envolve questões importantes relacionadas ao conteúdo de caráter jornalístico e a mobilidade física e informacional. O contexto atual demonstra que há um reflexo destas mobilidades, permitindo a participação mais ativa dos indivíduos na construção do processo. É impossível um profissional de jornalismo estar em todos os lugares, fisicamente, apurando os acontecimentos. Com os dispositivos tecnológicos atuais, a perspectiva de o cidadão relatar o fato a partir do lugar do acontecimento e compartilhar este conteúdo por meio de aplicativos de redes sociais ou de troca de mensagens reflete a ampliação da mobilidade informacional aliada a mobilidade física que os dispositivos vêm possibilitando. Isto mostra que a cidade, e de forma mais particular os lugares, passam a ser fatores de noticiabilidade que, anterior a este processo, eram envolvidos a valores-notícia mais amplos na produção do conteúdo jornalístico.

Diante destas questões torna-se pontual perceber que novos modos não apenas de produção, mas de apuração dos conteúdos de caráter jornalístico devem estar presentes diante do contexto da mobilidade informacional e da ubiquidade das conexões e que são diferentes da realidade do jornalismo tradicional. O jornalismo nos dias atuais, cheio de dados aplicativos e que carrega consigo a possibilidade de uma maior participação dos cidadãos, necessita de métodos que utilizem a mobilidade dos dispositivos não apenas como ferramenta de produção, mas faça uso para melhor compreender de que forma esta mobilidade tecnológica pode auxiliar no trabalho de campo.

Com a mobilidade física do cosmopolitismo crescente acrescida da mobilidade virtual das redes, a utilização dos telefones celulares passou a possibilitar aos indivíduos a mobilidade de poder acessar conteúdos de mídia onde quer que esteja, mas fundamentalmente também proporcionou a qualquer indivíduo formas de captar, produzir e compartilhar informações sobre fatos ocorridos no cotidiano das cidades.

A mobilidade como método no desenvolvimento do processo jornalístico

As relações com as tecnologias móveis referenciadas até aqui podem ser vistas em diversos contextos da sociedade e das vivências sociais. A imperceptibilidade destes processos requer um olhar mais detalhado do uso destas tecnologias enquanto potencializadoras de comunicação e propagação de informações. As possibilidades de construção de métodos móveis para a apuração e prática jornalística são possíveis e importantes quando, além de dados e informações pautadas, o profissional consiga aliar a mobilidade física - trazendo o lugar como fator de noticiabilidade -, a mobilidade tecnológica – tornando as possibilidades do dispositivo móvel (GPS, câmeras, Wi-fi, etc) como fatores de coleta de construção de dados sobre um fato ocorrido --, e a mobilidade informacional, como pressupostos fundamentais na produção do conteúdo.

De forma mais objetiva, mostra-se abaixo dois métodos móveis que podem auxiliar na construção da narrativa jornalística, por meio do uso das tecnologias móveis além da produção, focada nas possibilidades de utilização da mobilidade também na apuração e distribuição de conteúdos.

a) Métodos de Posicionamento Móvel

Em função de seu amplo desenvolvimento, o GPS tornou-se um dispositivo de baixo custo e praticamente já está inserido no contexto social das pessoas, pois faz parte da telefonia celular de última geração. O GPS é uma aplicação de localização consciente que agrega informações virtuais ao espaço físico permitindo por meio de telefones celulares e redes de acesso à internet que qualquer indivíduo, munido destes dispositivos, possa compartilhar em rede qualquer tipo de informação. Além de possibilitarem encontros ao compartilhar a localização em sites de rede social, podem ampliar as possibilidades de produção e apuração jornalística, pois agrega aos locais informações importantes sobre um fato ocorrido e que por meio da fomentação de conteúdo informativo e compartilhado por parte do usuário pode gerar informações fundamentais na apuração das informações.

Com a geolocalização por meio do GPS, há a possibilidade de construção de mapas dos acontecimentos na cidade desenvolvidos potencialmente pelas pessoas que frequentam os locais alimentando de forma colaborativa a construção de notícias atualmente. O Projeto *Onde*

*fui roubado*², uma plataforma colaborativa que mapeia os crimes no Brasil serve para ilustrar e mostrar como esse processo é importante:

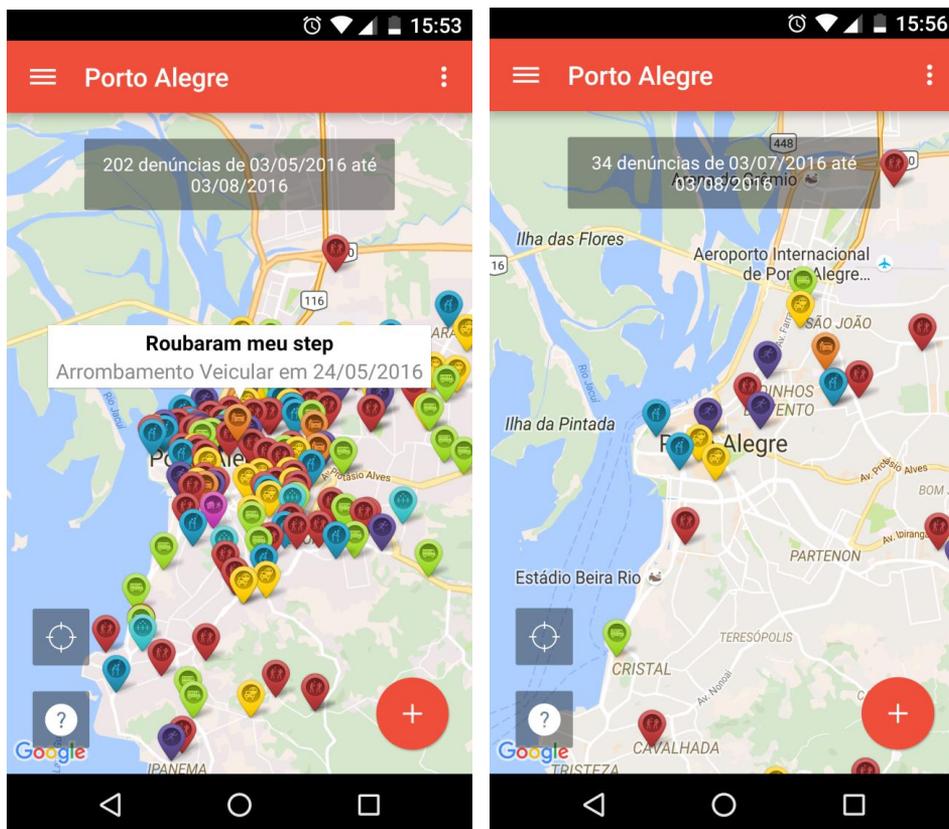


Figura 1: Aplicativo móvel “Onde Fui Roubado” para denúncia de crimes em diferentes localidades brasileiras
Fonte: Onde Fui Roubado/Porto Alegre

Quando se deixa estas marcas nos espaços sociais, cria-se um território com informações personalizadas “geotagueadas” que agregam um sentido informativo para o local. Na Fig. 1 é possível observar que as informações sobre crimes são dispostas de forma geolocalizada e ao selecionar uma das *tags* no mapa, ela traz a informação do tipo de crime, além da data em que ele ocorreu. Com o conteúdo social mapeado pelos próprios indivíduos é possível de ser utilizado como fonte de informação para a produção de notícias sobre o assunto. É também uma forma do profissional dimensionar a importância da pauta para a noticiabilidade.

² Disponível em: <<http://www.ondefuiroubado.com.br/porto-alegre/RS>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

Mobilidade e ubiquidade: novas possibilidades no desenvolvimento do processo jornalístico

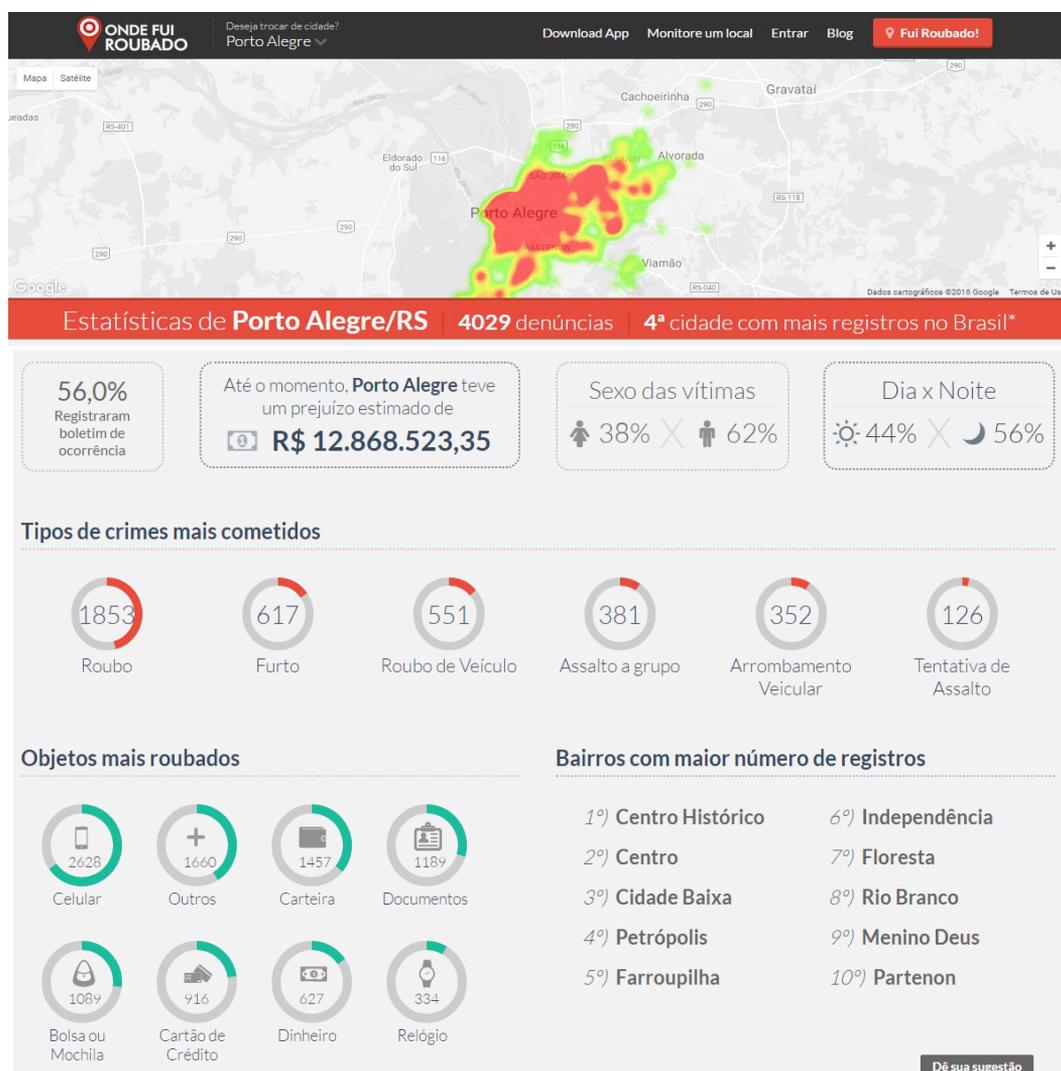


Figura 2: Dados estatísticos disponibilizados pela plataforma "Onde Fui Roubado"

Fonte: Onde Fui Roubado/Porto Alegre

b) Etnografia de Vídeo

O jornalismo utiliza os registros audiovisuais nas mais diversas possibilidades e nuances profissionais. O destaque é a utilização desta técnica em busca de antecipar os movimentos de pessoas, ações e de um acontecimento que seja transformado em reportagem. A Etnografia de Vídeo é uma forma de fazer com que o público torne-se fonte e participe ativamente da construção da notícia, por meio de registros realizados com *smartphones* dos próprios indivíduos que passam a registrar determinado acontecimento e divulgar via redes sociais, serviços de mensagem, ou até mesmo diretamente ao profissional de comunicação. Isto ocorre não apenas em forma de vídeo, mas também por meio de registro fotográfico,

tornando-se, assim, uma ferramenta importante para imprimir e demonstrar a ampla possibilidade de colaboração. Este processo se reflete em conteúdos registrados pelas pessoas em manifestações, mobilizações sociais, trânsito nas cidades, enfim, diversas são as possibilidades deste tipo de técnica ser aproveitada na construção de conteúdo de caráter jornalístico.

Poder-se-ia citar inúmeros exemplos do uso de dispositivos móveis pelos cidadãos como uma ferramenta de registro de um acontecimento que após sua divulgação em redes sociais, além de pautar o profissional de jornalismo, serve como fonte para a apuração de notícias. Apenas para ilustrar este método, traz-se um vídeo³ gravado de uma ação policial ocorrida na cidade de Porto Alegre/RS que acabou na morte de um policial e fuga dos bandidos. Todo o confronto foi registrado por meio do telefone celular de um morador do bairro onde o fato ocorreu. Além de ser utilizado como registro da informação e tornar notícia um fato que poderia passar despercebido como um valor-notícia, o vídeo serviu como auxílio no reconhecimento dos indivíduos. Este é apenas um exemplo dos diversos que ocorrem cotidianamente e que ajudam a pautar as notícias fora da realidade do jornalismo tradicional.

Estes são exemplos de como é possível aliar a mobilidade como uma ferramenta que pode auxiliar o desenvolvimento do processo de produção e apuração do conteúdo informativo durante a construção da notícia. O que se pretende com estes pontos é demonstrar que o jornalismo móvel pode ir além da perspectiva do uso dos dispositivos móveis por parte do profissional na coleta e distribuição de conteúdo. Estas possibilidades demonstradas ressaltam que é possível e, atualmente, fundamental pensar os processos que envolvem a comunicação móvel para além dos dispositivos e aplicativos, mas sim como uma conjunção de diversos contextos que podem auxiliar o desenvolvimento da prática profissional.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PPoqQXty610>>. Acesso em: 15 jul. 2016.



Vídeo: Ação policial gravada por cidadãos e divulgada em sites de redes sociais

Fonte: Youtube⁴

O intuito é desvelar a noção de que métodos móveis de pesquisa e apuração são possíveis de serem estruturados e inseridos no cotidiano do jornalismo, quando se trata dos contextos observados em um mundo digital, no qual o local, o espaço físico teve seu sentido reconfigurado por meio desta cultura da mobilidade propagada pelos meios digitais de comunicação. É importante destacar que o deslocamento do indivíduo está virtualmente ligado ao tipo de experiência que ele terá. Por isso se dita a importância destes métodos para a compreensão do processo jornalístico móvel.

Considerações finais

Nesse sentido, podemos observar as potencialidades que as tecnologias móveis possuem na mobilização dos indivíduos, invertendo assim a lógica tradicional dos meios de comunicação. O ambiente móvel tem amplificado esta tendência de usuários editores colocando a possibilidade de narração dos fatos vividos no ambiente real, possibilitando narrações instantâneas de fatos mediante sua publicação

⁴ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8vQ7o-pAU7Y#action=share>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

em tempo real. As cidades estão se transformando em ambientes generalizados de acesso.

Através da telefonia móvel, é possível fotografar, filmar um fato no momento em que ele está acontecendo, bem como, redigir uma informação sobre este e enviá-la via telefone celular com acesso à internet para plataformas digitais que permitem a qualquer indivíduo enviar informações. Esta nova forma de apuração e emissão de informações retrata uma nova forma de se fazer jornalismo.

Diante de uma perspectiva amparada nas tecnologias digitais atuais, propôs-se a observação das possibilidades de desenvolvimento do jornalismo, tanto em seu processo, como em sua prática, a partir da ótica da mobilidade e da ubiquidade tecnológica. A intenção é trazer a tona as possibilidades que a comunicação ubíqua traz para o contexto atual da produção, apuração e distribuição de conteúdo, e o impacto que esta possui nas narrativas do jornalismo tradicional.

A alteração na construção do processo jornalístico torna-se perceptível a partir do momento em que os cidadãos passam a ter ampla participação na produção de conteúdos, por meio da possibilidade trazida com o desenvolvimento das tecnologias inseridas nos dispositivos móveis. Os cidadãos têm nas plataformas digitais um espaço para compartilhar e discutir suas opiniões. Os dispositivos móveis se tornaram mais locativos e, assim, os indivíduos passaram a deixar rastros nos espaços ao se movimentar e agregar informações a eles.

A mobilidade e ubiquidade tecnológica influenciam nesse processo transformando a comunicação em rastros e mapas no contexto da mobilidade da informação que se tornam cada vez mais imperceptíveis e onipresentes. Esta onipresença atribuída aos artefatos dotados de tecnologia remete à comunicação ubíqua, na qual os processos interativos passam a ser invisíveis e transparentes.

O jornalismo é uma das áreas em que se observa essa ruptura dos moldes tradicionais, pois alia estes contextos no cotidiano da prática profissional e necessita também se apropriar da mobilidade e ubiquidade em seu processo de construção. Além de trazer estas nuances para o jornalismo participativo móvel, buscou-se contribuir com duas possibilidades de métodos móveis para a apuração e distribuição de conteúdos, para além da produção. O que se buscou foi delinear novos instrumentos que auxiliem na construção de narrativas para a ampliação das possibilidades do jornalismo móvel.

Referências

- BÜSCHER et al. **Mobile Methods**. New York: Routledge, 2011.
- CANEVACCI, Massimo. **Digital Auratic Reproducibility: Ubiquitous Ethnographies and Communicational Metropolis**. In *An Ethnography of Global Landscapes and Corridors*, 2012. Disponível em: <<http://cdn.intechopen.com/pdfs/31547.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade. *Comunicaciones Móviles*, in **Razón y Palabra**, n. 41, Outubro/Noviembre 2004. México.
- LEMOS, André. Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. In: **Matrizes**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, USP, ano 1, n.1, São Paulo, 2007, ISSN 1982-2073, pp.121-137.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2007.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora ALEPH, 2008.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Editora ALEPH, 2014.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.
- TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2005.
- URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.
- WEISER, Mark. **The Computer for th 21st Century**. *Scientific American*, pp 94-100, set 1991. Disponível em: <<http://www.ubiq.com/hypertext/weiser/SciAmDraft3.html>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

